

O TRANSGÊNERO NO ESPORTE

Narrick Hugo Vieira Melonio¹
Thomaz Décio Abdalla Siqueira²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo discutir a vivência dos indivíduos transgêneros dentro do esporte, suas dificuldades, motivações e as políticas que lhes são favoráveis. Para isso, constituiu-se um diálogo sobre os transgêneros no esporte, percorrendo suas histórias, desde a criação do termo até sua visibilidade, incluindo a Teoria de *Queer* e suas facetas. Pesquisando o que é ser considerado um transgressor dentro da sociedade, compreendemos por que existem inúmeras dificuldades para essas pessoas. Avançando ainda pelo Brasil e observando-se os obstáculos na própria comunidade trans, foram levantados alguns dados sobre as políticas implantadas em federações, ligas e confederações (por volta de 15) para que possam competir escolhendo a identidade de gênero que melhor lhes convier.

Palavras-chave: Transgênero, Queer, Identidade de gênero.

Introdução:

Ainda não há muitas referências sobre o tema transgênero dentro do esporte e na língua vernácula, embora se observe um crescente interesse pela orientação sexual dos indivíduos que compõem a sigla LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, que, igualmente é utilizada como nome de um movimento que luta pelos direitos dos homossexuais e, principalmente, contra a homofobia. Em 2016, no esporte, o Comitê Olímpico Internacional - COI mudou sua resolução sobre atletas transgêneros em competições oficiais.

Homens trans podem participar dos eventos da entidade, sem nenhuma restrição e as mulheres, apenas ter a quantidade de testosterona controlada para competirem em equipes femininas, além de a cirurgia de readequação de sexo não ser mais necessária. Tais mudanças fizeram o mundo esportivo voltar os olhos para esses participantes. Entretanto, os indivíduos cisgêneros têm dificuldade de respeitar e entender a participação desses atletas, e é sobre a difícil convivência entre ambos – transgêneros e cisgêneros – que versa esta pesquisa. Os transgêneros têm diferenças fundamentais do corpo biológico em relação à expressão de gênero que lhes é compatível, apresentando à sociedade

¹Aluno do Curso de Bacharelado em Treinamento Esportivo - nhugo94@outlook.com

²Pós-doutor em Psicologia Social e do Trabalho, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEFF – Universidade Federal do Amazonas - UFAM – thomazabdalla@ufam.edu.br

um ponto totalmente diferente do que comum e lógico considerado por ela. Ao longo do trabalho, há uma breve revisão do termo transgênero, considerando do surgimento à disseminação, bem como a dificuldade de sua progressão no Brasil. Dialogando-se com a Teoria *Queer*, percebe-se a transgressão dentro da sociedade, a quebra dos limites do binarismos, a versatilidade do gênero e corpo, dentro do limiar de gênero e identidade, e, finalmente, discorre-se sobre eles no esporte, com um resumo de sua ascensão na última Olimpíada, revelando as políticas esportivas para que pudessem competir no gênero em que se consideram envolvidos, com destaque ao Comitê Olímpico Internacional - COI, norteando a maioria das federações, ligas e confederações a esse respeito.

O aprofundamento nesse diálogo de transgêneros fez com que nos deparássemos com diversas facetas, porém o foco é em relação à vivência no esporte, sob a condição proposta pelos indivíduos cisgêneros, ou estranha (ilógica) dentro dos padrões sociais aceitáveis.

Objetivo:

Objetivo geral: Conhecer as principais dificuldades vivenciadas pelos transgêneros ao ingressarem no campo esportivo. Específicos: Observar a vivência dentro do esporte e suas dificuldades e refletir a vivência dentro do esporte e suas políticas.

Metodologia:

A pesquisa bibliográfica ainda é um dos métodos mais utilizados na redação de trabalhos. Um método que não é apenas a repetição do que já foi dito ou escrito, proporcionando uma nova abordagem ou exame de um tema em enfoque, levando a diferentes e inovadoras conclusões. Tem como finalidade colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito sobre determinado assunto (LAKATOS & MARCONI, 2007), procurando explicar e discutir um tema com base em referências teóricas publicadas em livros, revistas e periódicos e outros, além de conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinado tema (MARTINS, 2001).

A revisão bibliográfica ou literatura foi a análise crítica, meticulosa e ampla das publicações correntes em uma determinada área do conhecimento (TRENTINI & PAIM, 1999).

Trentini e Paim (1999, p.68) afirmavam que “*a seleção criteriosa de uma revisão de*

¹Aluno do Curso de Bacharelado em Treinamento Esportivo - nhugo94@outlook.com

²Pós-doutor em Psicologia Social e do Trabalho, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEFF – Universidade Federal do Amazonas - UFAM – thomazabdalla@ufam.edu.br

literatura pertinente ao problema significa familiarizar-se com texto, por eles, reconhecer os autores e o que eles estudaram anteriormente sobre o problema a ser estudado”. Logo, a base dos dados foi coletada através da pesquisa PubMed (Uma busca de livre acesso à base de dados *MEDLINE* de citações e resumos de artigos de investigação em biomedicina), *MEDLINE* ((*Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*) e SciELO (*Scientific Electronic Library Online*).

Com o termo transgênero, identidade de gênero divergente, trans, esporte e transgênero, transexuais, identidade de gênero, e *transgender Sport*, foram selecionados 20 artigos, um guia técnico (sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros para formadores de opinião) e mais 15 políticas esportivas para transgêneros. A seleção realizou-se com a leitura criteriosa de artigos, teses, dissertações, reportagens e afins encontradas na base de dados, inseridas apenas as literaturas que atendiam os critérios de inclusão definidos nesses trabalhos. Incluídas apenas pesquisas de 1999 a 2016, nos idiomas português e inglês e tendo sido aceitos todos os tipos de delimitação metodológica, com os descartes dos incompletos ou com pouca relevância ao tema (Critério de Exclusão).

Desenvolvimento:

O primeiro objetivo da revisão sistemática foi a exploração das experiências dos transgêneros em relação à participação no esporte competitivo (elite e recreacional) e às atividades físicas com as quais se relaciona o esporte. A maioria dos estudos é de natureza qualitativa, refletindo, talvez, o baixo número de pessoas transgêneros na população em geral, tornando difícil as conclusões definitivas, em razão da falta de pesquisa quantitativa na área investigada.

Por sua própria natureza, os resultados das pesquisas qualitativas não podem ser generalizados, ainda que estudos analíticos possam ser feitos. Os artigos descrevem a experiência geralmente como negativa na participação no esporte e atividade física pelos transgêneros, enfrentando barreiras ao praticá-las. Em relação à atividade física relacionada ao esporte, a pouca acessibilidade a um ambiente inclusivo e confortável parece ser o principal obstáculo à participação. Organizações de caridade e de apoio trabalhando com transgêneros consideram que deveria haver mais campanhas de conscientização. Por outro lado, os centros

¹Aluno do Curso de Bacharelado em Treinamento Esportivo - nhugo94@outlook.com

²Pós-doutor em Psicologia Social e do Trabalho, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEFF – Universidade Federal do Amazonas - UFAM – thomazabdalla@ufam.edu.br

de lazer deviam ser mais conscientes das diferenças de gênero (através de treinamento e maiores informações) para tornar esses ambientes mais inclusivos. Em relação à participação no esporte competitivo, os resultados desta revisão sistemática sugerem que os requisitos que as políticas de esporte competitivo transgênero colocam em concorrentes são fundamentais para as experiências negativas dos atletas transgêneros. Embora seja necessário fazer uma distinção entre as questões e experiências que as pessoas transgêneros têm em relação à participação no esporte e no esporte competitivo, também é necessário o reconhecimento de uma sobreposição.

Os indivíduos do sexo masculino e feminino transgêneros discutiram jocosamente que o acesso à participação no esporte (como se tornar parte da equipe de futebol local) é restrito, pois mesmo as organizações desportivas locais e locais que jogavam em termos recreativos implementavam políticas de esporte competitivo transgênero.

No sentido coletivo em que hoje é largamente empregado, o termo transgênero, surgiu nos Estados Unidos, em formas irregulares, muitas vezes contestadas pelo *mainstream*, basicamente em contextos ativistas brancos, de classe média, de Nova York e da Califórnia, na década de 1990.

Após estes primeiros passos para evolução do termo na Conferência Internacional sobre Direito Transgênero e Política de Emprego em 1992 definiu o “transgênero” como um termo amplo abrangente, incluindo "transexuais, transgêneros, *cross-dresser*" e qualquer pessoa em transição, como um denominador comum dentro do pantanal terminológico das identidades gênero-divergentes, classificando todos os seus membros com base nos seus desvios relativamente ao comportamento socialmente esperado do gênero em que foram classificados ao nascer, desta forma homem trans refere-se a um homem que está na transição de mulher para homem, e mulher trans refere-se a uma mulher que está em transição de homem para mulher, e ainda de acordo com *American Psychological Association* nos manuais de profissionais de saúde, guias profissionais de estilo jornalístico é aconselhado a adoção por outros do nome e dos pronomes identificados pela pessoa em questão, incluindo referências atuais ao passado da pessoa transgênero por exemplo sendo um homem trans devemos nos referenciar com “o , ele, dele e etc...” ou para a mulher trans “a, ela, dela e etc...”.

¹Aluno do Curso de Bacharelado em Treinamento Esportivo - nhugo94@outlook.com

²Pós-doutor em Psicologia Social e do Trabalho, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEFF – Universidade Federal do Amazonas - UFAM – thomazabdalla@ufam.edu.br

Hoje em dia, nos Estados Unidos, assim como em boa parte dos continentes europeu e asiático, o termo transgênero está consagrado como de uso generalizado. O ativismo contemporâneo, como também organizações não governamentais, instituições públicas de apoio, estudiosos e pesquisadores de diversas áreas acadêmicas incluem diferentes tipos de identidades e expressões gênero-divergentes debaixo desse coletivo/espectro/guarda-chuva. Uma lista relativamente modesta incluiria pelo menos algumas das seguintes categorias de identidade: transexuais, travestis, *crossdressers*, homens femininos, mulheres masculinas, *dragqueens*, *dragkings*, transformistas (masculinos femininos), andróginos, *genderbenders*, *genderfuckers*, intersexuados lésbicas masculinizadas, gays afeminados homens com corpos de fêmea e mulheres com corpos de macho e até mesmo, homens e mulheres normais¹ em todos os aspectos exceto na discordância quanto às normas de gênero que lhes são impostas (VALENTINE, 2000, p. 32).

No entanto não podemos esquecer que o ser trans não é apenas constituído por sua transição mais também por outras particularidades advinda da própria sociedade como raça e classe que forma um todo que podemos caracterizar como identidade pessoal.

O segundo objetivo foi rever as políticas esportivas disponíveis em relação à equidade para as pessoas transgêneros em esporte competitivo (ou seja, a equidade na ausência de vantagem). Devido à sobreinterpretação e ao medo da vantagem atlética em atletas transgêneros, a maioria das políticas revisadas eram discriminatórias contra pessoas transgêneros, especialmente indivíduos masculinos transgêneros (ou seja, exclusão na ausência de vantagem). Embora a política atualizada do COI possa ser percebida como mais inclusiva do que a versão de 2004, ainda existem falhas.

O requisito de uma pessoa física transgênera ter declarado seu sexo como feminino por pelo menos 4 anos é excessivo. No Reino Unido e em muitos outros países, uma vez que uma pessoa transgênera acesse um serviço de saúde transgênero, é provável que seja inferior a 4 anos antes de uma pessoa alterar legalmente seu nome, sofre tratamentos irreversíveis e, portanto, compromete-se plenamente com seu gênero experiente.

¹Aluno do Curso de Bacharelado em Treinamento Esportivo - nhugo94@outlook.com

²Pós-doutor em Psicologia Social e do Trabalho, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEFF – Universidade Federal do Amazonas - UFAM – thomazabdalla@ufam.edu.br

Parece haver uma falta de raciocínio em relação ao período de 4 anos para os atletas transgêneros, embora essa restrição de tempo seja consistente com a ação disciplinar atual para os atletas cisgênero quando ocorrer um incidente de *doping* (substância química que se ministra ilicitamente a um atleta, a fim de altear-lhe por momentos o condicionamento físico, aumentando-lhe a resistência e o desempenho muscular).

Várias políticas esportivas, incluindo a política atualizada do COI 2016, basearam seus requisitos para concorrentes transgêneros em evidências indiretas, inconsistentes e equivocadas. A pesquisa fisiológica envolvendo pessoas cisgêneras mostrou que a deficiência de testosterona em homens jovens estava associada a diminuição da força muscular e as injeções de testosterona em homens cisgênero a um aumento em alguns aspectos da força muscular. No entanto, esta pesquisa não determinou se estes diminuem e aumentam a massa muscular e se estavam dentro das faixas para pessoas do sexo feminino e masculino cisgênero e o tempo necessário para alcançar os níveis masculino ou masculino de um cis.

Em média, os homens são melhores do que as mulheres no esporte. No entanto, nenhuma pesquisa empírica identificou o (s) motivo (s) específico (s) para a diferença. Com base principalmente na pesquisa indireta com pessoas cisgêneros, acreditou-se que os hormônios androgênicos (especificamente níveis elevados de testosterona) conferiam uma vantagem em esportes competitivos (ou seja, aumentavam a resistência e a massa muscular) e, embora essa crença suportada várias políticas esportivas, a testosterona podia não ser o marcador primário, nem mesmo útil, na determinação da vantagem atlética.

A testosterona é apenas uma parte da fisiologia da pessoa, existindo outros fatores importantes (biológicos e ambientais) a ser considerados se a justiça (a ausência de vantagem) fosse o objetivo do esporte competitivo visto. Por exemplo, mãos grandes era a chave para manipulação em alguns esportes (por exemplo, basquete), mas isso não era visto como uma vantagem injusta. Estabelecer o que era uma vantagem atlética no esporte competitivo facilitaria a inclusão de todos os atletas (independentemente de sua identidade de gênero) na premissa de equidade.

O Centro Canadense para a Ética no Desporto divulgou recentemente um documento oferecendo orientações às organizações desportivas sobre o desenvolvimento de políticas

¹Aluno do Curso de Bacharelado em Treinamento Esportivo - nhugo94@outlook.com

²Pós-doutor em Psicologia Social e do Trabalho, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEFF – Universidade Federal do Amazonas - UFAM – thomazabdalla@ufam.edu.br

esportivas competitivas inclusivas para pessoas transgêneros. Um painel de especialistas manteve o ponto de vista de que todos têm o direito de competir de acordo com sua identidade de gênero em termos recreativo e de elite.

Os hormônios entre sexos e as cirurgias de confirmação de gênero não deviam ser um requisito em qualquer esporte. Se qualquer organização desportiva exigir que os concorrentes transgêneros tomem hormonas entre os sexos por um período específico, teriam que suscitar provas para sustentar a razoabilidade de seus argumentos. O painel sugeriu que, quando as organizações esportivas estivessem preocupadas com a segurança, com base no tamanho ou força dos concorrentes, deviam desenvolver categorias de habilidades e tamanho, como na luta livre.

As questões e os desafios que as pessoas transgêneros experimentavam ao se envolverem em atividades competitivas de esporte e atividades relacionadas ao esporte, sem dúvida, se tornaram mais proeminentes à medida que a visibilidade e a prevalência de pessoas transgênero eram mais pronunciadas e destacadas nas mídias. Consequentemente, os profissionais de saúde trabalhadores no esporte precisaram se familiarizar mais com as questões e desafios específicos que uma pessoa transgênero podia experimentar ao se envolver em esporte. Ao fazer isso, esses profissionais foram capazes de garantir que as pessoas transgêneros comesçassem ou continuassem a envolver-se no esporte de forma segura e inclusiva socialmente.

Para chegar aos transgêneros no esporte, urge rever os LGB (Lésbicas, *Gays* e Bissexuais) no esporte também. Em 2016, nas Olimpíadas do Rio, houve um significativo aumento no número de atletas assumidamente LGBT`S (Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis e Transexuais), entre 44 e 55 atletas, assumidos e não assumidos. Um recorde nesses Jogos, pois superou o marco de 2012, nas Olimpíadas de Londres, com 23 atletas, que só tende a acentuar-se.

Retrocedendo a 1908, no início dos Jogos Modernos Olímpicos, chegou-se perto da primeira representatividade LGBT (Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis e Transexuais), na pessoa de Niels Bukh, ginasta dinamarquês homossexual, cortado próximo aos Jogos porque seu porte físico não foi considerado atlético para a competição, mas, em 1912, como técnico,

¹Aluno do Curso de Bacharelado em Treinamento Esportivo - nhugo94@outlook.com

²Pós-doutor em Psicologia Social e do Trabalho, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEFF – Universidade Federal do Amazonas - UFAM – thomazabdalla@ufam.edu.br

levou a sua equipe à medalha de ouro. Ainda assim, não se constituiu o ponto de partida para os LGBT`S (Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis e Transexuais), o que só viria a ocorrer em 1928, pelas mãos da artista plástica alemã Renee Sintenis ao conquistar bronze por uma escultura (nesse período ainda havia competições de esculturas dentro dos jogos). A partir desse feito, não houve tanta expressão.

Entretanto, em 1960, na edição de Roma, os homossexuais retornaram, ainda que com a participação solitária de um representante, o que não impediu o aumento das participações ao longo dos anos até alcançar a marca inusitada de 2016. E mesmo não havendo muitos atletas transgêneros nos Jogos, essa realidade está mudando. Em 2016, o Comitê Olímpico Internacional (COI) deliberou sobre a mudança de regra nas suas participações. Homens trans podem participar dos eventos da entidade sem restrição de qualquer espécie e as mulheres trans precisam apenas ter a quantidade de testosterona controlada para poderem competir em equipes femininas, e sem a necessidade de cirurgia de readequação de sexo.

Destacam-se os ícones transgêneros nos jogos como a auxiliar técnica e tenista Reneé Richards. Nas Olimpíadas de 2000, ela participou da equipe da também tenista Martina Navratilova, da República Tcheca e naturalizada americana, tendo quebrado a marca de ser a atleta mais velha a participar dos jogos, com 47 anos e representando também os LGBT`S (Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis e Transexuais).

Não esquecendo de citar a ativista trans e ex atleta Caitlyn Jenner, que, ainda como Bruce Jenner, participou de duas edições dos Jogos Olímpicos, tendo ganhado a medalha pelos Estados Unidos. Dentro de outras competições existentes pelo mundo, vê-se a presença desses atletas, ainda que com as documentações retificadas e dentro das políticas previstas por cada competição para os mesmos serem incluídos.

Outro item merecedor de análise são os vestiários, representantes de uma barreira significativa em atividades individuais ou em grupo. Ser excluído das atividades físicas relacionadas ao esporte é angustiante para os participantes, por não conseguirem manter a aptidão física, importante na preparação para a cirurgia de confirmação de gênero.

¹Aluno do Curso de Bacharelado em Treinamento Esportivo - nhugo94@outlook.com

²Pós-doutor em Psicologia Social e do Trabalho, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEFF – Universidade Federal do Amazonas - UFAM – thomazabdalla@ufam.edu.br

Conclusão:

Quando é seguro e justo permitir que uma pessoa transgênera compita no esporte de acordo com seu gênero experiente? É uma questão de difícil abordagem considerando a falta de dados diretos e consistentes relacionados ao desempenho fisiológico com pessoas transgêneros, dificultando a resposta quanto a existência ou não vantagem atlética, especialmente para pessoas transgêneros. Pode parecer sensato sugerir que as pessoas transgêneros devem competir de acordo com sua identidade de gênero sem restrições (por exemplo, não há necessidade de ter hormonas entre os sexos, cirurgia de confirmação de gênero), até que haja dados científicos diretos e consistentes.

A percepção é que a maioria das pessoas transgêneros têm uma experiência negativa de esporte competitivo e atividades físicas relacionadas ao esporte. No esporte competitivo, os atletas transgêneros de vantagem atlética são percebidos como superestimados por muitas organizações esportivas em todo o mundo, gerando efeitos negativos sobre as experiências dessa população. A vantagem atlética dita para os indivíduos transgêneros pode não ser maior do que as vantagens fisiológicas amplamente aceitas (por exemplo, grandes mãos) e financeiras (por exemplo, oportunidades de treinamento) que algumas pessoas cisgênero possuem em esporte competitivo.

As organizações esportivas que desejam excluir uma pessoa transgênero de competir em sua categoria de gênero com experiência precisarão demonstrar que o esporte é afetado pelo gênero e que a exclusão é necessária para uma concorrência justa e segura. Atualmente, seria difícil, considerando que não há evidências consistentes que os níveis de hormônio androgênico conferem uma vantagem competitiva.

Quando a evidência fisiológica indireta e ambígua é dissecada, apenas indivíduos do sexo feminino transgêneros são percebidos como potencialmente vantajosos como resultado de hormônios androgênicos. Na literatura, questiona-se se os hormônios androgênicos devem ser o único marcador de vantagem atlética ou, se eles são mesmo um marcador útil da vantagem atlética. Dados os benefícios estabelecidos para a saúde mental e física de se engajar na atividade física e no esporte, as barreiras que as pessoas transgêneros experimentam são uma limitação significativa para a promoção de comportamentos saudáveis

¹Aluno do Curso de Bacharelado em Treinamento Esportivo - nhugo94@outlook.com

²Pós-doutor em Psicologia Social e do Trabalho, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEFF – Universidade Federal do Amazonas - UFAM – thomazabdalla@ufam.edu.br

em indivíduos transgêneros. Até o momento, os poucos estudos que exploram as experiências das pessoas transgêneros mostram-se preocupados com a exploração de experiências em relação ao esporte competitivo. Esta pesquisa precisa ser estendida para aqueles que participam da atividade física relacionada ao esporte para lazer e *fitness*. Também é importante ressaltar e entender as experiências das pessoas transgêneros no contexto de diferentes esportes.

As barreiras e facilitadores da participação no futebol, por exemplo, podem diferir muito das pessoas experientes quando praticam ginástica, atletismo, natação ou atividades aquáticas. Para os quatro últimos esportes, roupas podem ser reveladoras e indicadoras do gênero. Por exemplo, sentir-se confortável em roupas de banho pode ser um problema para as pessoas transgêneros, especialmente quando estão em processo de transição, já que o corpo é muitas vezes mais exposto do que em outras roupas esportivas (por exemplo, um *kit* de futebol) e roupas de banho é fortemente feminino (ou seja, natação Troncos são usados por indivíduos do sexo masculino e figurinos de natação por indivíduos do sexo feminino). À luz disso, é interessante e inovador, explorar as experiências de pessoas transgêneros que já participaram, ou estão participando, de atividades aquáticas, ginástica e / ou atletismo.

Referências:

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL – COI. Reunião de consenso sobre reatribuição do sexo e hiperandrogenismo.
acessível: http://www.olympic.org/Documents/Commissions_PDFfiles/Medical_commission/2015-11_ioc_consensus_meeting_on_sex_reassignment_and_hyperandrogenism-en.pdf.
Acessado em 21 de julho 2017.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, Gilberto de Andrade. *Manual para elaboração de monografias e dissertações*. São Paulo: Atlas, 2001.

TRENTINI, M.; PAIM, L. Pesquisa em enfermagem: uma modalidade convergente-assistencial. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999.

VALENTINE, David. *Imagining transgender: an ethnography of a category*. Durham NC: Duke University Press, 2000.

¹Aluno do Curso de Bacharelado em Treinamento Esportivo - nhugo94@outlook.com

²Pós-doutor em Psicologia Social e do Trabalho, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEFF – Universidade Federal do Amazonas – UFAM – thomazabdalla@ufam.edu.br